

TECTURAS DE NOVAS NARRATIVAS DAS AMÉRICAS: A NEGRALIZAÇÃO EM *AMÉRICA NEGRA & OUTROS POEMAS AFRO-BRASILEIROS*, DE ELIO FERREIRA

WEAVINGS OF NEW NARRATIVES FROM THE AMERICAS: NEGRALIZAÇÃO IN AMÉRICA NEGRA & OUTROS POEMAS AFRO-BRASILEIROS, BY ELIO FERREIRA

Dossiê:

Literatura e teoria de autoria negra no Atlântico Sul



ORGANIZADORAS:

Adrinana de F. A. L. Barbosa



Anna Herron More



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 33, n. 66, dez. 2024
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 02/08/2024

Aceito em: 08/12/2024

DISTRIBUÍDO SOB



Laiana Emília de Queiroz Nepomuceno  

UFPI | lainepomuceno@ufpi.edu.br

Raimundo Silvino do Carmo Filho  

UFPI | silvinofilho2009@gmail.com

Francisca Liciany Rodrigues de Sousa  

UVA | licyrodrigues@gmail.com

Alcione Corrêa Alves  

UFPI | alcione@ufpi.edu.br

Resumo/Abstract

Este trabalho pretende investigar a categoria da negralização enquanto elemento que contribui para a tecitura de novas narrativas das Américas a partir de uma análise literária do livro de poemas *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014), de Elio Ferreira. Partimos da hipótese de que os poemas em análise podem ser compreendidos como um conjunto de narrativas entrelaçados através da memória, cultura e história dos povos das Américas. Sobre a obra de Elio Ferreira, ressaltamos que haverá uma interconexão entre a produção poética e ensaística do autor, através da categoria da negralização, apresentada na tese de doutorado de Ferreira (2017). Constatamos que a negralização, em relação com outras categorias, contribui para a construção de narrativas alternativas das Américas à medida que formula outras representações dos sujeitos negros, suas vivências, memórias, saberes e identidades. Os diálogos aqui estabelecidos serão amparados no pensamento de Elio Ferreira (2017; 2021) e Lélia González (2020).

Palavras-chave: Elio Ferreira: poesia; Elio Ferreira: ensaio; negralização; amefricanidade.

This work intends to investigate negralização as an element that contributes to the weaving of new narratives of the Americas based on a literary analysis of the book of poems *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014), by Elio Ferreira. We initiate from the hypothesis that the poems under analysis can be understood as a set of narratives intertwined through memory, culture and history of the people of the Americas. Regarding Elio Ferreira's work, we emphasize that there will be an interconnection between the author's poetic and essayistic production, through the category of negralização, presented in Ferreira's thesis (2017). We note that negralização, in relation to other categories, contributes to the construction of alternative narratives of the Americas as it formulates other representations of black blokes, their experiences, memories, knowledge and identities. the dialogues established will be supported by the thoughts of Elio Ferreira (2017; 2021) and Lélia González (2020).

Keywords: Elio Ferreira: poetry; Elio Ferreira: essay; negralização; amefricanity.

À memória de Elio Ferreira de Souza
Poesia, poesia.
O meu corpo,
a minha alma,
a minha vida,
sou o teu cavalo.
(FERREIRA, 2014, p. 86)

INTRODUÇÃO

Há algumas semanas, em junho de 2024, a *Roda de Poesia & Tambores*¹ fez uma homenagem a Elio Ferreira como parte da programação do 22º Salão do Livro do Piauí – SaLiPi. Durante a ocasião vários poetas e percussionistas declamaram poemas e realizaram performances como saudação ao poeta que nos deixou em abril deste ano. Em meio ao ritmo dos instrumentos, o coro da plateia, os aplausos, lágrimas e gritos de “Viva Elio Ferreira” percebemos como a figura múltipla de Elio Ferreira integra ativamente a literatura, cultura e história piauiense e – por extensão – brasileira e amefricana².

Elio Ferreira de Souza foi professor, mestre, doutor, escritor, ensaísta, performer, capoeirista, idealizador da Roda de Poesia & Tambores e muito mais. Filho de Aluizio Ferreira de Souza e Inez de Souza Rocha e nascido em 1955 na cidade de Floriano, no Piauí, Ferreira aprendeu com o pai o ofício de ferreiro, que carregaria por toda a sua trajetória na vida e na poesia. Ao deixar o Piauí para cursar Letras em Brasília, o poeta não abandonou o ferro, a forja e a bigorna, imagens recorrentes na sua poesia:

O meu pai é ferreiro,
Um menino puxa o fole:
A oficina, a forja, o fogo,
O ferro em brasa, a bigorna,
A tenaz e a geometria do ferro,
O martelo TEM TEM TEM...
(FERREIRA, 2014, p. 60)

O trecho acima é a terceira estrofe do poema “O ferreiro e o martelo”, que tem uma epígrafe dedicada à memória de Aluizio Ferreira, pai do autor. Na narrativa, é possível perceber a recuperação, através da memória, de um conjunto de elementos e símbolos – no caso, a enumeração dos substantivos “fole”, “oficina”, “forja”, “fogo”, “bigorna”, “ferro” e “martelo” – que reconstróem a oficina, local de trabalho de seu pai. A preferência pelas vírgulas na escrita do poema também evoca um certo ritmo de leitura, pois cria uma progressão que lembra o movimento e o som de marteladas, o vibrar do ferro. O último verso da estrofe apresenta-nos de forma explícita a indissociabilidade da poesia de Elio Ferreira aos elementos da oficina de ferreiro de seu pai: temos o instrumento martelo seguido da onomatopéia “TEM, TEM, TEM”, que transcreve o som do instrumento na bigorna.

Para a discussão e análise dos poemas da obra em questão, mas também de demais poemários de escritores negros, é possível compreender a voz poética não [somente] como eu lírico, mas especificamente como pertencente a um narrador negro. Essa peculiaridade propõe pensar que a categoria literária do eu lírico não supre as obras de autoras e autores negros. Pressentimos o perigo de que o eu lírico pode servir enquanto elemento que promove a literatura do colonizador, por isso, propomos um narrador que, ao se definir como negro, pode narrar do interior do ser negro. Vemos o poema enquanto narrativa, assim, a categoria de narrador não se restringe aos contos, novelas e romances.

De forma tradicional, os gêneros literários são subdivididos em narrativo, lírico e dramático. Entretanto, percebemos que na prática literária esses conceitos são desestabilizados, se embaralham, confundem e transcendem. O poema, nosso gênero de análise, é encaixado como lírico, então como podemos compreendê-lo como narrativa?

No caso específico de *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*, essa aproximação entre o poema e a narrativa é possibilitada por um aspecto central: a obra pode ser lida como uma verda-

1 Principal sarau da cidade de Teresina, projeto idealizado e encabeçado por Elio Ferreira.

2 Em conformidade com apropriações contemporâneas do pensamento de González e, particularmente, à necessidade [coletiva, por parte de nossa comunidade científica] de operacionalizar a categoria amefricanidade, este artigo adota o termo Américas, assim como suas decorrências imediatas (amefricanas(os), lá onde, até aqui, adotáramos “afro-americanas(os)”), assinalando o percurso desse movimento nas pesquisas, em curso, do Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome.

deira epopeia negra. Por sua vez, a epopeia enquanto gênero literário une elementos do lírico e narrativo em sua estrutura, apresentando os principais acontecimentos de uma história. Portanto, a epopeia negra de Elio Ferreira apresenta-nos os marcos das trajetórias negras desde África até as Américas, unindo passado e presente em uma narrativa poética magnética.

No que tange à literatura negro brasileira ou afro-brasileira (caso optemos pela nomenclatura de Eduardo de Assis Duarte), ainda é possível verificar um lugar desprestigiado em comparação às produções que facilmente são aceitas enquanto idealizadoras da literatura nacional e, conseqüentemente, de sua identidade. Apesar disso, notamos avanços cada vez menos tímidos em relação ao incentivo à leitura, discussão e pesquisas que enfrentam a hegemonia de um cânone literário majoritariamente branco.

Nesse cenário de existência e resistência, a literatura afro-brasileira ramifica-se nas mais variadas expressões e “[...] remete ao tenso processo de mescla cultural em curso no Brasil desde a chegada dos primeiros africanos.” (DUARTE, 2014, p. 264). Essa perspectiva de Duarte permite-nos pensar em um processo contínuo de construção e renovação que instiga a compreensão indispensável de que a literatura nacional – para fins deste artigo, especificamente a literatura afro-brasileira – pode ser lida enquanto elemento que constrói as demais literaturas das Américas. É nesse contexto que se localiza a obra *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014), de Elio Ferreira: literatura afro-brasileira, contra hegemônica e contracultural.

América negra & outros poemas afro-brasileiros, sétimo livro de poesia publicado por Elio Ferreira, é o elemento central a ser analisado por aqui. De acordo com o próprio escritor, a obra em questão conta “[...] a história de pessoas simples, a minha própria história, a dos meus pais, parentes e amigos. Falo da memória dos meus ancestrais negros e indígenas” (FERREIRA, 2014, p. 5). Esse conjunto de narrativas entrelaça-se através da memória afrodiaspórica, da identidade, da cultura oral e do “real vivido e o real sonhado”³ dos povos negros das Américas, encontrando nessa coletânea de poemas um lugar para chamar de lar.

A obra é dividida em três partes: livro I, *América Negra*, livro II, *Outros poemas afro-brasileiros*, e livro III, *Poesia, poesia*. Os poemas da obra caracterizam-se, segundo Ferreira (2014, p. 5), como *orikis*⁴, poesias, cantos e canções carregadas de Axé (força), verdadeira manifestação de louvação, saudação e evocação ao elemento à que se referem os poemas. A escrita de Elio Ferreira é carregada dessa força, trata-se de uma produção poética que pode ser percebida enquanto canto, dança, batuque, grito e choro.

Sobretudo, destacamos que haverá uma interconexão entre a obra poética e a obra ensaística de Elio Ferreira, através da utilização da categoria da negralização⁵, apresentada em sua tese de doutorado *Poesia negra: Solano Trindade e Langston Hughes* (2017). Tal abordagem, em dupla perspectiva, configura-se enquanto um esforço necessário, uma vez que verificamos uma “[...] relação harmônica entre os poemas e textos acadêmicos do autor”, como defende Gustavo Bicalho (2017, p. 1) em seu artigo *Elio Ferreira: poesia à martelada*.

A decisão, portanto, de pesquisar a obra *América negra & outros poemas afro-brasileiros* surge a partir da pretensão de protagonizar as literaturas afro-brasileiras e, mais especificamente, as literaturas afro-brasileiras de expressão piauiense, visto que compreendemos as mesmas como aspectos formadores – e transformadores – da cultura, memória, identidade e história brasileira e, por consequência, amefricana.

Na leitura da obra, partimos da hipótese de que à medida que as escritas literárias – e por que não ensaísticas, já que a abordagem é em dupla dimensão: literária e ensaística – se negralizam e resgatam a memória afrodiaspórica, torna-se possível a construção de narrativas alternativas das Américas. A partir disso, pretende-se analisar como a negralização contribui para a reconstrução das narrativas das Américas em *América negra & outros poemas afro-brasileiros*. Para tanto, inicialmente, discutiremos os conceitos de negralização a partir de Elio Ferreira. Em seguida, utilizaremos a negralização enquanto categoria de análise para os poemas da obra. Por fim, discutiremos a reconstrução das narrativas das Américas partindo do processo de negralização.

3 Categoria utilizada por Derivaldo dos Santos em texto para o livro *América negra & outros poemas afro-brasileiros* (2014).

4 Palavra da língua iorubá que é formada de duas palavras: *ori*, que significa cabeça e *ki*, que significa louvar/ saudar. Portanto, são palavras utilizadas para saudar ou louvar algo que estamos nos referindo.

5 Mais adiante, no corpo do texto, conceituaremos a negralização de acordo com Souza (2017 e 2021).

NEGRALIZAÇÃO: MOVIMENTO ESPIRALAR

Neste primeiro momento, pontuamos que o percurso para pesquisa e esquematização da negralização enquanto categoria de análise se constrói no *Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome*⁶ há alguns anos, com a pretensão de compreender em dupla dimensão e expressão escritores amefricanos – direcionando-nos na construção de uma rede científica que contribua para a esquematização de um pensamento negro americano. Partindo dessa noção, foi possível, ainda, propor termos iniciais a uma relação entre a negralização e a amefricanidade.

A categoria da negralização será apresentada de acordo com três aspectos, sendo eles: hibridização cultural, memória afrodiaspórica e recusa à hegemonia das narrativas colonialistas. Observe-mos, ao longo da redação do texto, como a negralização é uma das manifestações possíveis do que denominamos decolonialidade, pois a categoria de Ferreira questiona e propõe alternativas à modernidade.colonialidade.

Para compreendermos a negralização enquanto hibridização cultural, necessitamos evocar algumas imagens para complementar e ilustrar os processos em discussão. Primeiro, a espiral: imaginemos, de forma tridimensional, uma espiral, um movimento que é ascendente e progressivo. Em seguida, nosso exercício de evocação imagética direciona-se para o tornado: colunas de ar que giram em altas velocidades em torno de um centro, também representado por uma espiral que, ao tocar o chão, adquire elevado poder de destruição. Guardemos essas informações, pois mais tarde o exercício será recuperado.

Em sua tese de doutorado, Elio Ferreira de Souza apresenta a negralização a partir da sua leitura da criouliização de Glissant:

A assertiva do martinicano Édouard Glissant “de que o mundo se criouliiza”, no contato entre as culturas do mundo, está se tornando uma realidade nas sociedades ou nações que vivenciaram as experiências da globalização, pós-colonização, descolonização e, mais recentemente, do fluxo migratório de africanos motivados pelas crises políticas, sociais e as guerras. *Equacione à minha leitura a afirmação de Glissant, pois entendo que a “criouliização” seria também um processo de negralização do mundo por hibridização das identidades culturais, de forma dialogada ou negociada.* (SOUZA, 2017, p. 20, grifo nosso)

Repousa aqui a originalidade da negralização enquanto categoria de análise: ao ser equacionada à categoria de Glissant percebemos na negralização um caráter de agência que nem sempre é perceptível na criouliização devido a sua preocupação em compreender um fenômeno cultural: “A criouliização, que é um dos modos do emaranhamento, e não apenas uma resultante linguística – *tem como exemplar somente seus processos e certamente não os ‘conteúdos’ a partir dos quais eles funcionariam*” (GLISSANT, 2021, p. 117, grifo nosso). Por sua vez, a negralização de Elio Ferreira oferece-nos instrumentos epistêmicos e metodológicos para compreender e encontrar possibilidades ao analisarmos devires negros.

Uma das possibilidades de compreender a negralização é, portanto, como uma negociação de identidades negras em meio a diferentes povos de origem africana ou de outras origens como resultado da vida moderna na diáspora:

7
Brasil,
eu também sou índio.
Nas minhas veias
corre o sangue das nações indígenas
do Piauí,
dizimadas por bandeirantes paulistas
e fazendeiros
(FERREIRA, 2014, p. 40)

Tomemos como exemplo o poema acima, a voz poética, através do advérbio *também*, salienta ser outras coisas além de índio, caracterizando uma encruzilhada de identidades. Pensemos, então, essa en-

6 O Projeto de Pesquisa e Extensão Teseu, o labirinto e seu nome atua como parte do NEABI UFPI, o Ifaradá. Desde 2012 o projeto visa análises comparativas entre um corpus mais amplo de literaturas negras americanas e, desde 2015, à formulação e proposição de uma ferramenta metodológica para subsidiar tais análises, à luz da noção de prefácio (Glissant, 1996) e de amefricanidade (González, 2018).

cruzilhada enquanto negralização à medida que elementos culturais dos povos negros e indígenas – e de seus descendentes nas Américas – entram em relação entre si e com culturas de outros povos.

Também não é ao acaso a escolha do interlocutor do discurso – o Brasil – um país marcado pelo trânsito de múltiplas identidades, entre elas a indígena. Brasil, além de interlocutor do discurso, é também o *locus* de enunciação do narrador do poema; portanto, percebemos a corpo-geopolítica enquanto indispensável à construção do poema à medida que a voz poética estabelece uma relação entre as experiências vividas e o espaço geopolítico em que se encontra.

Nesse ponto retomamos nosso exercício inicial de evocação das imagens, direcionando nosso diálogo para a possibilidade de pensarmos a negralização a partir da dinâmica de movimentos percebidos na espiral e no tornado. Mencionamos anteriormente que o tornado, ao tocar no chão, ao encontrar uma superfície de contato, adquire um potencial destrutivo, da mesma forma que as culturas em dinâmica adquirem um potencial “destrutivo”, entre aspas porque a destruição que a hibridização cultural da negralização provoca está mais para desestabilização e desarranjo das concepções hegemônicas colonialistas.

A dinâmica cultural, que permite novas formas de ser, conhecer, viver e se identificar na diáspora, é um elemento chave para a compreensão da negralização. A categoria da negralização propõe uma dinâmica de culturas, identidades e devires (do verbo *devir*) que se chocam, dinamizam e constroem novas possibilidades.

“AMÉRICAS, O QUE PASSOU NÃO PASSOU”: MEMÓRIA AFRODIASPÓRICA

*A los historiadores,
por habernos dejado de fuera.
Aquí estamos de nuevo...
cuerpo presente, color vigente,
declinándonos a ser invisibles...
rehusándonos a ser borradas*
(ARROYO PIZARRO, 2012, p.4)

Neste segundo momento, concentraremos nossas reflexões e análises na mesma direção que as palavras de Pizarro, utilizando a memória afrodiaspórica como instrumento para evitar ser “dejado de fuera”, possibilitando alternativas direcionadas à recusa da invisibilidade e do apagamento.

No poema 3 do livro I de *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*, utilizaremos a memória afrodiaspórica como fio norteador para a construção da negralização. Identificaremos a forma através da qual a memória afrodiaspórica resgata e reconstrói a história e a identidade amefricana nos poemas, nos guiando para a percepção de como esse movimento (de constante tecer, como uma aranha que constrói os fios de sua teia) é negralizado: uma construção contínua e dinamizada.

Na obra em análise, a negralização é construída à medida que a memória afrodiaspórica é recuperada nos poemas. Isso acontece através da referência feita à escravização e ao colonialismo, ao tráfico de escravizados, ao sofrimento vivenciado pelos povos negros das Américas. Por outro lado, de forma potente, a resistência, a recusa ao esquecimento, a força da coletividade dos povos amefricanos, as lembranças dos avós e seus ensinamentos e a cultura da diáspora também são recuperados na leitura.

Cabe aqui a menção da *Árvore do Esquecimento*⁷ – o Baobá – para a assimilação dos variados meios pelos quais tentaram o apagamento da ancestralidade dos povos que foram trazidos à força para as Américas. Para além da *Árvore do Esquecimento*, em território brasileiro, os escravizados tiveram que lidar com as estratégias que visavam a destruição da memória afrodiaspórica, que foi o caso da separação dos escravizados para que não formassem grupos da mesma etnia, a imposição da cultura, da religiosidade e da língua dos colonizadores e, também, o batismo a que foram sujeitos, a imposição de um nome. Ainda que tais tentativas de apagamento tenham ocorrido de forma demasiadamente violenta, a memória dos habitantes das Américas resistiu de forma latente, como um instrumento de força.

7 Monumento na costa do Benin, onde se localizava a árvore, ao redor da qual os escravizados eram forçados a dar voltas antes do embarque nos navios negreiros. Acreditava-se que assim os escravizados apagavam seu passado, as memórias de seu povo e de suas divindades.

A seguir, o poema 3 de *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*, onde melhor conseguiremos visualizar tais aspectos:

3
Américas,
o que passou, não passou...
Dói como unha encravada.
Você é a minha casa,
minha água de beber,
filhos,
família,
a mulher dos meus sonhos, a mulher que tanto amo,
livros,
amigos,
carnaval,
capoeira,
futebol,
samba no pé.

Brasil,
arranca essa máscara branca
da sua cara.
(FERREIRA, 2014, p. 31)

Nos versos acima é notório, uma vez mais, as Américas como vocativo e interlocutoras do discurso do poema. A memória é instrumento manuseado para recuperar e denunciar uma ação que estaria no pretérito perfeito, ou seja, que aconteceu em um determinado momento do passado, tendo seu início e seu fim no passado (“o que passou”), mas que, em verdade, pende mais para o pretérito imperfeito, pois a ação não foi finalizada de fato (“não passou...”).

A voz negra que narra o poema é atravessada por uma dor “como unha encravada”, fruto do que não passou, o que podemos entender como inúmeras aflições – o que engloba uma dor para além do físico – que perpassam as vivências dos sujeitos negros no mundo diaspórico moderno.

As experiências são tantas e, por vezes, tão controversas, que o narrador negro tem as Américas enquanto casa, água de beber, filhos e família (que pode ser uma metáfora para descendência e negociação de culturas, respectivamente), entre outras. No entanto, ainda que o narrador considere o território americano de formas positivas, a dor do que não passou, e que muitos consideram como algo superado, está presente, coexistindo com aspectos culturais que são indiscutivelmente marcantes para a cultura e identidade amefricana (os livros, o carnaval, a capoeira, o futebol e o samba).

Na última estrofe, temos a adição de mais um vocativo e interlocutor: o Brasil, que, ao ter seu território particularizado pelo narrador, pode ser lido enquanto palco para as vivências da dor. Os versos “Brasil,/ arranca essa máscara branca/ da sua cara.” é uma referência feita a obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952), de Frantz Fanon, na qual o psiquiatra e filósofo político examina a negação do racismo. Portanto, podemos inferir que o poema invoca a negralização quando exige do Brasil a negação do mito da democracia racial, para que o país assuma o racismo enquanto elemento que passou apenas no imaginário coletivo, mas que não passou e ainda é sentido como dor de unha encravada.

Assim, percebemos como a memória ocupa um espaço central na construção da cultura dos povos que vivenciam a diáspora. Compreendemos que em *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* vislumbramos um ritual de invocação e realocação de lugares, pessoas e narrativas a cada verso, resultante justamente da experiência diaspórica. Há um percurso, um caminho construído a cada palavra, verso e estrofe do poemário. Não imaginemos, no entanto, um caminho linear, mapeado e com destino final. Pensemos em bifurcações e destinos flutuantes: um mapa construído à medida que um pé é colocado à frente do outro. Ora, sabemos que todo percurso tem uma origem, mesmo que sem destino certo, e que sua natureza seja significada justamente na própria rota que construiu, há uma origem:

A crítica mais recorrente a Paul Gilroy reside em sua ênfase nas rotas (routes) mais do que nas raízes (roots) a partir de uma perspectiva nacionalista – a norte americana –, à qual ele se opõe. Essa opção, como falamos acima, está relacionada à imagem do navio zigzagueando

pelo mar conectando diferentes localidades da diáspora. Entretanto, a noção de diáspora e fluxos culturais somente fazem sentido se tiver uma localização espacial, um solo, uma terra mãe (homeland). (BERNARDINO-COSTA, 2018, p.128)

É justamente no abandono dessa origem, ao que Bernardino-Costa chama terra mãe e o narrador do poemário de Ferreira batiza de “Mãe-África”, que a necessidade de um lugar para pertencer e estar vinculado toma forma. A seguir, vejamos como a recuperação desse lugar de origem – que pode ser de um real vivido ou sonhado – é indispensável à negralização enquanto categoria que reconstrói, à medida que recupera a memória afrodiáspórica, as narrativas das Américas.

AMÉRICA NEGRA: NOVO NOME, NOVAS NARRATIVAS

Nesta última parte faremos um percurso que nos permitirá tratar a negralização enquanto categoria de recusa às narrativas colonialistas. Além disso, buscaremos compreender de que forma as categorias de negralização e de amefricanidade complementam-se e tecem, mutuamente, novas narrativas das Américas.

Considerando que discutiremos como a negralização e a amefricanidade contribuem para a tecitura de novas narrativas, vejamos, inicialmente, como o dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa* define *tecer*:

1 entrelaçar metodicamente, numa certa ordem, (fios, palha, vime etc.) para formar (tecidos, redes, esteiras, cestos etc.) [...] **5** fabricar (algo), entrelaçando (partes, elementos, talos, fios etc.); trançar **6** *fig.* compor (algo), dispondo numa determinada ordem os seus elementos [...] **9** *fig.* pôr de permeio, incluir em; entretecer, entrecortar, misturar **10** adquirir certa estrutura, conformação; estruturar-se, organizar-se

Os significados 1, 5, 6, 9 e 10 interessa-nos, pois a hipótese a que nos agarramos é a de que diversas outras narrativas e categorias perpassam e são perpassadas pelas categorias da negralização e da amefricanidade, construindo uma rede de fios que se entrelaçam para formar o que denominamos de novas narrativas das Américas. Faz-se indispensável que pensemos nas novas narrativas e suas construções através da metáfora da tecitura, da reunião de vários fios que se atravessam no tear, para dar forma a algo mais amplo. Imaginemos também que a negralização, a amefricanidade e o conjunto de discursos que circulam as Américas são todos fios em dinâmica nesse grande tear.

Uma vez que propomos a metáfora do tear e dos fios enquanto elementos que costuram novas narrativas das Américas, é necessário apontarmos a que narrativas tradicionais estabelecemos nossa oposição.

As narrativas colonialistas constroem e mantêm o continente americano, suas populações, suas crenças, saberes e manifestações culturais em uma posição de subalternidade (SPIVAK, 2010) e ante-humanidade⁸, silenciando as narrativas que têm as sujeitas e sujeitos negros enquanto protagonistas de suas próprias histórias.

Partindo disso, e sabendo que o processo de negralização é plural, ou seja, não se finda em uma única definição, apontamos o que Elio Ferreira (2021) esclarece em seu artigo *Negralização do ‘Evangelho’ Bíblico no Teatro Afro-brasileiro de Júlio Romão da Silva* ao dizer que a negralização também pode ser compreendida como um movimento que recusa a hegemonia das narrativas colonialistas:

Nas sociedades colonizadas sob o regime de escravidão administrada pelo europeu e na contemporaneidade, a *negralização* se impõe como recusa à “subalternização” (SPIVAK, 2018), aos valores colonialistas que depreciam a moral, a cultura, a religiosidade de homens e mulheres negros e silenciar sua História. (SOUZA, 2021, p. 3)

Propomos, então, a negralização e a amefricanidade enquanto elementos que constroem-se e atuam simultaneamente no processo de resgate e tecitura dessas narrativas contra-hegemônicas.

Vejamos, pois, tais elementos nos trechos dos poemas selecionados. A seguir, o trecho do poema 1 que abre o livro *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*:

⁸ Para compreender a ante-humanidade enquanto dispositivo de inferiorização e subalternização, indicamos a leitura de Carmo Filho (2023).

1
Américas,
Adão era negro,
Eva era negra.
Adão e Eva nasceram na África.

Américas,
eu também sou negro:
Adão e Eva no jardim do Éden.
Sou filho do barro,
filho da lama escura da Mãe África:
a primeira mulher,
o primeiro homem neste Dia
da Criação.
Américas,
eu sou negro:
a Matriz da raça humana.
Conta a mitologia dos Orixás
que Nanã pegou uma porção
de lama
do fundo das águas de uma lagoa
onde morava.
Das suas mãos,
Naná deu o barro a Oxalá
e, do barro, Obatalá criou
o homem
e a mulher.
(FERREIRA, 2014, p. 25 e 26)

Esse poema não foi escolhido ao acaso para abrir o livro de poemas de Elio Ferreira: sua narrativa retoma e reconstrói a origem do primeiro homem e da primeira mulher, que vieram da África e povoaram toda a Terra, originando todos os outros eventos da história da humanidade. Neste poema, há uma reformulação do mito abraâmico de Adão e Eva: o narrador negraliza o mito bíblico, colocando o continente africano e as (os) sujeitas (os) negras (os) no centro da narrativa, além de invocar a mitologia dos Orixás para o lugar central, anteriormente ocupado pelas narrativas bíblicas.

Em diálogo, podemos entender que a negralização do mito bíblico relaciona-se com a proposta da categoria de amefricanidade, pois abre espaço para o que Lélia Gonzalez denominou de “[...] um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que [...] não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas” (GONZÁLEZ, 2020, p. 127). Ou seja, ao se contrapor a narrativa hegemônica e sugerir outra forma de narrar o mito de Adão e Eva, o narrador direciona um novo olhar para as Américas, que questiona e nega a construção histórico-cultural do local amefricano enquanto exclusivamente europeu e branco.

Também percebemos no trecho do poema o protagonismo exercido por Nanã Burucu, Oxalá e Obatalá, todas entidades da mitologia dos Orixás que valorizam a cultura e religiosidade negra. Para além disso, no título da obra *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* e em vários poemas do livro, percebemos uma nova nomenclatura, uma nova dimensão para a América, que passa a ser América Negra, ganhando juntamente com o novo nome, novas narrativas.

Dessa maneira, é possível identificar a construção de outras narrativas do continente americano: as Américas são as interlocutoras do discurso, é para elas que a voz negra do narrador revela que a “Mãe África” é o berço da primeira mulher e do primeiro homem. Será, então, essa escolha de interlocutor em vão? De forma alguma. O narrador dirige-se às Américas porque constitui parte dela (“eu também sou negro”) e porque o continente americano é negralizado junto ao mito bíblico, encontrando sua forma mais pura e desaguando na construção de uma narrativa alternativa, contrahegemônica e que valoriza a memória, a cultura, a religiosidade e a história do povo negro.

O trecho abaixo são as duas últimas estrofes do poema 2 do livro *África-Mãe*:

O meu avô e a minha avó foram
escravizados nas Américas,
e os colonos das Américas ficaram

ricos,
e os filhos,
e os netos,
e os tataranetos
dos colonos ricos das Américas ficaram
mais ricos.

O meu avô e a minha avó construíram
as Américas,
o meu avô e a minha avó construíram
o Brasil.
(FERREIRA, 2014, p. 54)

No fragmento acima, percebemos que, através da memória, a narrativa poética recupera a história não apenas de seus avós e antepassados, mas de sua ancestralidade negra. Há um evidente deslocamento do discurso colonialista quando o narrador negro diz que a riqueza dos colonos das Américas e a construção (política, econômica, religiosa, cultural e social) das Américas foi protagonizada pelos seus avós. Tal deslocamento discursivo é muito importante para que percebamos e compreendamos o que Stuart Hall (2022) defende ao propor que as identidades são construídas nas representações, na forma através da qual somos representados para outras pessoas e como um discurso que exerce influência nas ações e concepções que temos de nós mesmos.

Especificamente sobre a representação, no artigo *Acerca do conceito de representação* (2011), o autor Dominique Vieira Coelho dos Santos evoca Denise Jodelet, que propõe a teoria das representações sociais de Moscovici como uma alternativa teórica às análises sobre fatos sociais:

A teoria das representações sociais se interessaria, dessa forma, por compreender como os indivíduos, inseridos em seus respectivos grupos sociais, constroem, interpretam, configuram e representam o mundo em que vivem. Assim entendidas, as representações sociais são sintetizadores das referências que os diversos grupos fazem acerca do que conseguem apreender de suas vivências sociais inseridos no tempo e espaço. (SANTOS, 2011, p. 34)

As representações sociais sintetizam as concepções que diferentes grupos têm sobre suas vivências em contextos específicos de tempo e espaço. Considerando que as narrativas colonialistas promovem a construção e manutenção da representação social dos amefricanos como sujeitos subalternizados, cujas culturas e identidades são apagadas, enfatizamos a importância de reverter tais representações.

Voltemos, pois, à Hall e à ideia-chave de que as identidades são construídas na representação para (re)pensarmos as formas e símbolos que têm representado as Américas, demarcando um olhar colonialista. Como alternativa à essas representações, pensemos que os poemas de *América Negras & outros poemas afro-brasileiros*, quando lidos em conjunto, equiparam-se a uma epopéia, uma verdadeira saga, os poemas se fundem, construindo uma narrativa extraordinária que tece os feitos e histórias do povo amefricano.

Dessa forma, percebemos que os poemas da obra poética de Elio Ferreira tecem fios, narrativas negralizadas, que deslocam as narrativas colonialistas do centro do discurso, cedendo espaço para narrativas que representam o continente americano sob o viés e protagonismo dos amefricanos. Pensemos também no esforço da categoria político cultural da amefricanidade (GONZÁLEZ, 2020) para romper com as narrativas hegemônicas:

As implicações políticas e culturais da categoria de amefricanidade (Amefricanity) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, linguístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e Insular). Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) [...]. (GONZÁLEZ, 2020, p. 134 e 135)

As novas perspectivas pretendidas pela categoria da amefricanidade de Lélia Gonzalez englobam as novas narrativas contra-hegemônicas das Américas à medida em que propõe o que a catego-

ria da negralização de Elio Ferreira (2017) prevê: o mesmo processo de dinâmica cultural, a hibridização das identidades em diálogo. Cabe também salientar que a amefricanidade constrói-se nas experiências comuns à que as pessoas negras americanas estão sujeitas, como o racismo enquanto sistema de dominação. Portanto, as novas narrativas que emergem no continente americano são tecidas enquanto alternativa aos discursos colonialistas que predominaram em nosso imaginário social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos da relevância de pensarmos e construirmos saberes e alternativas que considerem nosso local no mundo; por isso, propomos a negralização enquanto categoria de análise para os poemas de *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* ao passo que evocamos o estabelecimento dessa categoria enquanto metodologia para futuras pesquisas das literaturas afro-brasileiras e amefricanas.

Referimo-nos, além do mais, à premissa de que a categoria da amefricanidade engloba a negralização – e o contrário também: a negralização engloba a amefricanidade –, pois são processos e categorias que coexistem e estão em dinâmica. Pois, se a amefricanidade é uma outra forma de pensar a América, a negralização faz parte da construção desse pensar e de sua concretização.

Dito isso, o poemário de Elio Ferreira possibilita a compreensão de que à medida que as escritas literárias – e ensaísticas – se negralizam e formulam novas representações das Américas e, conseqüentemente, de suas vivências, escritas e identidades, torna-se possível tecer narrativas alternativas da América Latina. Por fim, relembramos que há um processo contínuo de negralização no continente e que o estudo e discussão dos poemas de *América Negra & outros poemas afro-brasileiros* sob a ótica da negralização, a partir da memória afrodiaspórica, da hibridização cultural e da recusa à hegemonia colonialista, proporcionou discutir os fios que tecem novas narrativas.

REFERÊNCIAS

ARROYO PIZZARO, Y. **Ias Negras**. Carolina: Borealis, 2012.

BERNARDINO-COSTA, J. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. **Sociedade e Estado** [online]. 2018, v. 33, n. 1 [Acessado em 30 de junho 2024], pp. 117-135. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-699220183301005>>.

BICALHO, G. Elio Ferreira: poesia à martelada. **Portal Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/250-elio-ferreira-poesia-a-martelada-critica>>. Acesso em: 30 jun. 2024.

CARMO FILHO, Raimundo Silvino do. A ante-humanidade do corpo negro na obra *O carro do êxito*, de Oswaldo de Camargo. **Darandina revisteletrônica**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/40569>. Acesso em: 16 dez. 2024.

DE ASSIS DUARTE, E. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Rassegna iberistica**, v. 37, n. 102, p. 259-280, 2014.

DE SOUZA, E. F. Negralização do 'evangelho' bíblico no teatro afro-brasileiro de Júlio Romão da Silva. **Portal Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1584-elio-ferreira-de-souza-negralizacao-do-evangelho-biblico-no-teatro-afro-brasileiro-de-julio-romao-da-silva>>. Acesso em: 30 jun. 2024.

DE SOUZA, E. F. **Poesia Negra: Solano Trindade e Langston Hughes**. Curitiba: Appris, 2017.

FERREIRA, E. **América Negra & outros poemas afro-brasileiros**. São Paulo: Quilombhoje, 2014.

GLISSANT, É. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, St. **A identidade cultural na pós modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

IANNI, O. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n.

Tecituras de novas narrativas das Américas: a negralização em *América Negra & outros poemas afro-brasileiros*, de Elio Ferreira
28, p. 91–99, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>.

MOREIRA, R. B.; PERETI, E. A árvore do esquecimento e as tentativas de destruição da memória afro-diaspórica. **Revista Uniabeu**, v. 13, n. 33, p. 285-297, 2020.

SANTOS, D. V. C. dos. ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>.